

HOSPITALIDADE NO EMPREENDEDORISMO FEMININO: ATUAÇÃO DAS MULHERES ANFITRIÃS EM POVOADOS GOIANOS DO CAMINHO DE CORA CORALINA

Lisandra Lavoura Carvalho Passos
Universidade Anhembi Morumbi
Instituto Federal de Goiás
lisandra.passos@ifg.edu.br

Carla Conti de Freitas
Universidade Estadual de Goiás
carla.freitas@ueg.br

Resumo

O Caminho de Cora Coralina foi inaugurado em abril de 2018 como uma rota turística para pedestres e ciclistas, que passa por 8 cidades, predominantemente históricas e 8 povoados, em um trajeto de 300 km entre Corumbá de Goiás e a cidade de Goiás, na região central do Brasil. Trata-se de uma rota turística recente, que homenageia a poetisa e contista goiana Cora Coralina. A busca de material sobre esse caminho e em incursões pontuais a alguns de seus povoados, notou-se o papel da mulher enquanto anfitriã e empreendedora no acolhimento aos viajantes. Diante disso, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória e qualitativa com base no método etnográfico, tendo como objetivo investigar a hospitalidade exercida pelas mulheres anfitriãs de empreendimentos de hospedagem nos povoados de Caxambu, Radiolândia e Palestina. O trabalho de campo aconteceu em julho de 2021, com a coleta de dados mediante observação participante, e entrevista semiaberta com três anfitriãs. Os resultados obtidos revelaram que houve adequação de um espaço doméstico na casa da anfitriã em uma fazenda em Caxambu; construção de um espaço privado na forma de uma pousada em Radiolândia com recursos de financiamento por meio de uma linha de crédito da Goiás Turismo; e a transformação de um espaço público cedido para a adequação de um “*hostel*” em Palestina. Notou-se que cada anfitriã ofertou práticas diferenciadas de hospitalidade, reconfigurando o cotidiano dessas localidades e as relações com seus hóspedes. As anfitriãs comungam com práticas da recepção ao viajante, do acolhimento, da circularidade da dádiva, da solidariedade, preconizando o respeito, a tolerância, a convivência e o bem-estar do hóspede ciclista ou caminhante. As narrativas dessas mulheres trazem uma fala individual, particular, singular, uma experiência de cada uma delas, com traços culturais da região

Palavras-chave: Hospitalidade. Meios de Hospedagem. Mulheres. Caminho de Cora Coralina.

Abstract

The Caminho de Cora Coralina was inaugurated in April 2018 as a tourist route for pedestrians and cyclists, passing through 8 cities, predominantly historic and 8 villages, in a 300 km path between Corumbá de Goiás and the city of Goiás, in the region central in Brazil. This is a recent tourist route, which honors the poetess and short-story writer from Goiás Cora Coralina. In the search for material on this path and in occasional incursions to some of its villages, the role of

women as hostess and entrepreneurs in welcoming travelers was noted. Therefore, an exploratory and qualitative research was developed based on the ethnographic method, aiming to investigate the hospitality exercised by women hosts of hosting enterprises in the villages of Caxambu, Radiolândia and Palestina. Fieldwork took place in July 2021, with data collection through participant observation, and semi-open interviews with three hostesses. The results obtained revealed that there was an adaptation of a domestic space in the hostess' house on a farm in Caxambu; construction of a private space in the form of an inn in Radiolândia with financing resources through a credit line from Goiás Turismo; and the transformation of a given public space for the adaptation of a “hostel” in Palestine. It was noted that each hostess offered different hospitality practices, reconfiguring the daily life of these locations and the relationships with their guests. The hostesses share practices such as welcoming the traveller, welcoming, giving circularity, solidarity, advocating respect, tolerance, coexistence and the well-being of the cyclist or hiker guest. The narratives of these women bring an individual, particular, singular speech, an experience of each one of them, with cultural traits of the region.

Keywords: Hospitality. Means of Hosting. Women. Path of Cora Coralina.

1. Introdução

“O que eu vejo no mundo é as pessoas a desenvolverem uma cultura de fraternidade, e de mais cuidado com amar a terra, a terra mãe. Porque este modelo, acima de tudo, é o que vai ser, no fundo... se houvesse um grande projeto, eu diria, que ele será "eco socialista feminista e antirracista". Certeza que tem que ir por aí”

(SANTOS, 2019)

No ano de 2018, no Estado de Goiás foi constituído o Caminho de Cora Coralina, com passagem por oito cidades históricas, oito povoados e três unidades de conservação, com paisagens, patrimônio, história, religiosidade e gastronomia, que se interligam em trilhas traçadas por viagens realizadas desde o século XVIII por tropeiros, naturalistas, cientistas, botânicos, historiadores, militares, entre outros, na região central do Brasil.

Considerada como uma trilha de longo curso, passa por municípios, que oferecem infraestrutura turística aos viajantes como Corumbá de Goiás, Pirenópolis, São Francisco de Goiás, Jaraguá, Itaguaí e Itaberaí, terminando na Cidade de Goiás, e por pequenos povoados como Caxambu, Radiolândia, Vila Aparecida, Alvelândia, Palestina, São Benedito e

Calcilândia, e o distrito de Ferreiro. Nem todos os povoados possuem estruturas definidas para oferecer hospedagem, mas os povoados têm se adaptado, ajustado, se moldado para proporcionar pouso e alimentação aos caminhantes e ciclistas.

Três desses povoados são considerados neste artigo cujo objetivo é investigar a hospitalidade exercida pelas mulheres anfitriãs em empreendimentos de hospedagem nos povoados de Caxambu, Radiolândia e Palestina. Para isso, inspiradas na epígrafe desta seção, buscamos demonstrar a diversidade dos meios de hospedagem, as estruturas que sofreram modificações, os procedimentos e atitudes das mulheres moradoras dessas localidades que se propuseram a constituir um local de hospedagem e alimentação. Locais que anteriormente estava instituída uma economia predominantemente agrícola e de subsistência, atualmente, com suas devidas proporções e possibilidades, se tornaram locais de parada ou de passagem do caminhante ou ciclista.

A oportunidade e originalidade de estudar a hospitalidade no empreendedorismo feminino do Caminho de Cora Coralina se dá na oferta e prestação de serviços de hospedagem e alimentação nos pequenos povoados do seu traçado, onde as mulheres são responsáveis pela maioria desses empreendimentos turísticos. Percebe-se que para todas as anfitriãs a prática executiva de hospedar, servir, alimentar e entreter (CAMARGO, 2004) são recentes e constituídas no dia a dia, nesses poucos anos de concretização do Caminho de Cora Coralina, lembrando, que houve o intervalo da ausência de turistas durante os períodos críticos da pandemia da COVID-19.

Quanto aos aspectos metodológicos, optamos por uma pesquisa de cunho etnográfico, pois o desafio da experiência etnográfica para nós compõe um campo de estímulos, indagações e questões, como nos termos de Telles (2013), e que pode nos auxiliar a desvendar o relato das anfitriãs e suas ações. Durante o estudo da pesquisa etnográfica, realizado por uma observação com a perspectiva de perto e de dentro (MAGNANI, 2002), foram consideradas as condições dos meios de hospedagem, as características do cenário que poderia influenciar no encontro entre anfitriãs e hóspedes e todas as características do meio, que pudessem ser analisadas quando se considera a hospitalidade na relação entre pessoas.

O trabalho de campo aconteceu de 17 de julho a 01 de agosto de 2021, com a coleta de dados mediante observação participante e entrevista semiestruturada com três anfitriãs durante o percurso de 300 km no do Caminho de Cora realizado a pé pelas pesquisadoras.

As referências teóricas consideradas nesse artigo coadunam com Camargo (2004, 2015), Baptista (2008), Gotman (1997) que discutem hospitalidade. Este artigo está organizado

em três seções além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, apresentamos uma breve discussão teórica sobre hospitalidade; na segunda, o percurso metodológico da pesquisa; e, na terceira, a discussão das informações obtidas por meio das entrevistas realizadas com as participantes.

2. Referencial Teórico

O mundo é o laboratório de aprendizagem para o processo de humanização, campo fértil para exercitar o processo de hospitalidade nos dizeres de Kops (2014, p. 28). É nesse laboratório de aprendizagem que se constroem os tecidos sociais individuais e coletivos. Mediante a interação com os outros da rede de relações da qual se emergiu e na qual se penetra, emerge a essência pessoal de ser: “e dessa maneira esse eu, essa essência pessoal, forma-se num entrelaçamento contínuo de necessidades, num desejo e realização constante, numa alternância de dar e receber” (ELIAS, 1994, p. 36).

O gesto da hospitalidade ultrapassa a fronteira da materialidade e evidencia a humanização como fator indispensável na relação de acolhimento ao outro, pois de acordo com Baptista (2008, p. 6), a riqueza ou identidade dos lugares não está em seus aspectos materiais, mas sim na forma como “são apropriados, percebidos, desfrutados, amados, e, sobretudo, partilhados”. É na partilha que as coisas adquirem valor e sentido. Neste ponto, a autora resgata a teoria da dádiva de Marcel Mauss (2003), para explicar que é dando, intercambiando e retribuindo coisas, que as pessoas vão alimentando uma cadeia relacional que supera a simples circulação ou permuta de bens.

Baptista (2008, p. 7) afirma que a dádiva é o elemento essencial da hospitalidade, pois “[...] mais do que a posse, é a dádiva o que verdadeiramente define a relação interpessoal enquanto experiência de hospitalidade”, pois ao se falar em dádiva, fala-se em vínculos sociais, em pactos entre pessoas. Desta forma a hospitalidade dos lugares mede-se, de acordo com a autora, “[...] fundamentalmente pelo tipo de sociabilidade que instauram, pelo espírito humano que os anima, e não tanto pelos rituais de recepção que tradicionalmente caracterizam o acolhimento na “nossa casa” ou na “nossa terra” (BAPTISTA, 2008, p. 12).

Hospitalidade envolve reunião entre duas partes ou mais e, portanto, um relacionamento. Isto pode ser entendido “como uma relação humana” (CAMARGO, 2015, p. 47), na qual ocorre uma troca entre alguém que recebe (*host*) e alguém que é recebido (convidado), e seu “desdobramento pode resultar em apaziguamento, sentimentos de [...]

amizade, amor, calor humano, [...] até algum nível de conflito, agressão, hostilidade” (CAMARGO, 2015, p. 47).

Para Grinover (2006) hospitalidade é sinônimo de receber, hospedar, boa acolhida, gentileza e amabilidade. Lashley e Morrison (2004, p. 21) complementam que “a hospitalidade é o relacionamento que se tem entre anfitrião e hóspede”. Refletir, compreender, direcionar a atenção para o estudo e discussão da hospitalidade é recente, apesar de sua palavra ser recorrentemente usada e estar presente nos discursos como forma de reconhecer, que em determinado momento ou local houve uma atitude hospitaleira, um momento em que a relação estava estabelecida sob o patamar de uma troca gentil e atenciosa. Compreender hospitalidade em Plentz (2007, p. 58) é aproximá-la desse discurso:

A palavra hospitalidade deriva do latim *hospitalitate*. Também da palavra latina *hospitalitas-ati*, a noção de hospitalidade traduz-se como ato de acolher, hospedar; a qualidade do hospitaleiro; boa acolhida; recepção; tratamento afável, cortês, amabilidade: gentileza.

Conforme Camargo (2004), a hospitalidade é um fenômeno social que se manifesta em contexto doméstico, comercial ou público. Nesse sentido, o lócus da hospedagem no Caminho de Cora Coralina é comercial, contextualizando, que em alguns povoados está dentro da própria residência da anfitriã e em outro contexto a hospedagem foi construída com o propósito de um lugar de hospedagem, como a construção de uma pousada e um *hostel*.

Gotman (1997) e Camargo (2004), entendem a hospitalidade como uma forma de indivíduos se alojarem, se socializarem e usufruírem serviços mútuos e reciprocamente, reconhecendo o fenômeno como antigo e atual ao mesmo tempo, além de Camargo (2015, p. 44) ressaltar a importância da proximidade e do encontro, “face às lógicas da globalização e do individualismo”. Baptista (2008) define hospitalidade como um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro, na dimensão da ética dos lugares na mesma defesa de Levinas, que já falava em hospitalidade. É um ritual de socialização, em que a

Hospitalidade é um processo de comunicação interpessoal, carregado de conteúdos não verbais ou de conteúdos verbais que constituem fórmulas rituais, que variam de grupo social para grupo social, mas que ao final são lidas apenas como desejo/recusa de vínculo humano. (CAMARGO, 2004, p. 31)

Com Camargo (2004), os domínios da hospitalidade e a respectiva pesquisa tem o desafio de desvelar a amplitude e a profundidade desse campo de estudo. De acordo com o autor, a hospitalidade ocorre na interação entre pessoas, no que foi denominado interstício, naquela fresta onde o que está presente é a ausência de inospitalidade (CAMARGO, 2015) no encontro entre anfitrião e o hóspede. Note-se que o anfitrião tanto pode ser a comunidade receptora, quanto os trabalhadores que atuam nos meios de hospedagem, como neste estudo.

De toda forma, compreende-se que a hospitalidade é ambivalente e a compreensão do seu conceito pode ocorrer por meio de duas vertentes: como um fenômeno social, que evoca os mais variados sentimentos e expressões humanas, bem como ritos e símbolos de cordialidade para com o próximo, ou como uma atividade, que possui um potencial de mercado real que supre uma carência atual do público consumidor em relação ao setor de prestação de serviços turísticos (ANTUNES, 2017).

Na seção seguinte, descrevemos o percurso metodológico para a pesquisa em analogia com o trajeto do caminho que percorremos com a poesia de Cora, pois o caminho se faz ao caminhar.

3. Metodologia

O percurso metodológico escolhido para a realização dessa pesquisa considerou que, quanto ao tipo e à abordagem, esta pesquisa é qualitativa, exploratória e de cunho etnográfico. As etapas da pesquisa incluem (i) planejamento e elaboração dos instrumentos, (ii) visitas nos locais, (iii) entrevista, (iv) preparação do material empírico com as transcrições e (v) devolutiva das transcrições para as entrevistadas para que lessem e concordassem novamente com o material transcrito das entrevistas.

Na atividade que antecedeu a viagem, foi seguida a etapa de preparação de pesquisa bibliográfica e documental, a aquisição de um pen drive para celular (*sandisk*) para armazenar as gravações e demais instrumentos de coleta de dados como máquina filmadora, o roteiro semi estruturado e a impressão dos termos de livre consentimento.

A seleção das anfitriãs e dos povoados se deu da seguinte forma: em um primeiro momento, foi realizada pesquisa no site oficial do Caminho de Cora Coralina com o intuito de conhecer as hospedagens e se possível, as anfitriãs dos povoados. Essas informações não estavam claras e nem completas, desta forma optou-se por não estabelecer contato prévio com as anfitriãs, decidindo-se por saber da permissão da entrevista na própria localidade.

As pesquisadoras percorreram a pé os 300 km do Caminho de Cora durante 15 dias e pernoitaram nos três povoados pesquisados, onde foi possível ouvir os relatos das anfitriãs de cada localidade bem como conviver com elas

Realizada em três povoados do Caminho de Cora Coralina, o povoado de Caxambu foi o primeiro, mais especificamente na Fazenda Caxambu, onde mora a Dona Cleusenir, mais conhecida como Dona Cleusa. Em Radiolândia, a entrevista se deu com a Sra. Cirene, que prefere ser chamada de Cira na Pousada Jardim da Flores e no povoado de Palestina com a Luciana proprietária do *Hostel Vovó Catarina*. Os povoados de Caxambu e Radiolândia são os dois primeiros que surgem após a cidade turística de Pirenópolis e o povoado de Palestina está circunscrito no município de Jaraguá e é o quinto povoado do Caminho de Cora Coralina.

As entrevistas com a Dona Cleusa e a Cira foram concedidas no dia 22 de julho de 2021 nos períodos matutinos e vespertinos e por fim, a entrevista com a Luciana no dia 26 de julho de 2021.

As entrevistas foram gravadas mediante autorização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelas mulheres antes do início da gravação. A partir dessa assinatura foi possível a identificação das mesmas nesse estudo. As entrevistas tiveram uma duração média de 50 minutos, bem como a captura de imagem e som.

Para o tratamento dos dados, as entrevistas foram transcritas na íntegra e enviada para cada anfitriã para que lessem e concordassem novamente com o que haviam respondido. Todas concordaram sem nenhum acréscimo ou ressalva, após esse retorno, as falas puderam compor esse estudo. Para este artigo, optamos por alterar os trechos das entrevistas citados para a norma escrita padrão da língua portuguesa.

Discutimos, a seguir, como as anfitriãs dos povoados pesquisados vivem o Caminho de Cora e constroem as suas histórias por meio de atitudes empreendedoras em suas práticas de hospitalidade.

4. Discussão

4.1 Apresentação do Caminho de Cora Coralina

O Caminho de Cora Coralina foi oficialmente inaugurado pela Goiás Turismo nos dias 18 a 20 de abril de 2018. Uma expedição de bicicleta com a atleta olímpica Raiza Gulão (GOIÁS, 2018) marcou a festividade que iniciou na cidade de Corumbá e terminou na Cidade de Goiás, terra de Cora Coralina.

No portal da entrada na cidade de Corumbá uma placa com a poesia de Cora Coralina com os dizeres “*O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada, caminhando e semeando, no fim terás o que colher*” (CORA CORALINA, 2012) recepciona os caminhantes e ciclistas propiciando em cada qual os sentimentos da jornada, que será percorrida nos dias seguintes.

O percurso da Caminho de Cora contempla as cidades de Corumbá de Goiás, Pirenópolis, São Francisco de Goiás, Jaraguá, Itaguari, Itaguari, Itaberaí e Cidade de Goiás, onde predominantemente as cidades são históricas do período do ciclo do ouro e os povoados de Caxambu, Radiolândia, Vila Aparecida, Alvelândia, Palestina, São Benedito, Calcilândia e Ferreiro, como o mapa (Figura 1). Dentre os atrativos históricos e culturais destacam-se as Ruínas das Lavras do Abade, Ruínas de Ouro Fino e os sítio arqueológico de São Januário (GOIÁS, 2013) e os atrativos naturais: Parque Estadual da Serra dos Pireneus, inserido na área do Geoparque dos Pireneus; Parque Estadual da Serra de Jaraguá e Parque Estadual da Serra Dourada.

Figura 1: Mapa do Caminho de Cora Coralina



Fonte: Adaptação do mapa do site Caminho de Cora Coralina (2018)

Os povoados deste estudo estão assinalados no mapa: Caxambu, Radiolândia e Pirenópolis.

A região entre as Cidades de Corumbá de Goiás e a Cidade de Goiás, localizada no centro do Estado de Goiás, está inserida em uma zona de transição entre os domínios dos climas da região amazônica e o clima tropical sub-úmido (CARDOSO, MARCUZZO & BARROS, 2014).

O clima predominante do Caminho de Cora Coralina é o clima do cerrado: subtropical e continental; sendo caracterizado por dois períodos bem acentuados: o período da estiagem e o das chuvas. O período da estiagem começa em abril e vai até o final de agosto, marcados pelo outono e inverno e o período das chuvas começa em setembro e vai até março, da primavera até o final do verão. Os meses de junho e julho são os mais frios. A temperatura média anual é de 23°C, sendo que no verão a temperatura chega a 36°C (máxima) e, no inverno pode chegar a 10°C (CARDOSO *et al*, 2014).

O nome da rota turística homenageia a contista e poeta feminina de maior expressão do Estado de Goiás (ALMEIDA, 2020) Cora Coralina, reconhecida pela simplicidade com que retratava o seu cotidiano, sua vida, o amor à terra e a sua cidade natal. A rota está contemplada com 60 placas das poesias de Cora, que ressaltam sua ligação afetiva com a terra, com a ruralidade, com sua terra natal, sua história de vida e seu cotidiano.

4.2 Povoado de Caxambu

O povoado de Caxambu está localizado a 27 km de Pirenópolis e pertence a esse município desde 1948, quando um fazendeiro fez a doação de três alqueires de terra ao Divino Pai Eterno. No ano seguinte foi construída uma capela, que posteriormente foi substituída em 1986 por uma igreja maior e construída pelos moradores. É um povoado pequeno com uma festividade chamada Desfile de Carros de Boi organizada pelo Seu Quinzinho, como é popularmente conhecido desde 1979. É uma confraternização entre os donos dos carros de boi, os colaboradores e organizadores da festividade (CAMINHO DE CORA CORALINA, 2018).

Povoado de Caxambu, também é reconhecido por uma topografia mais acidentada, após a descida do Parque Estadual da Serra dos Pireneus¹, atrativo natural de destaque para o Estado de Goiás. Esta serra é divisor de águas continentais: de um lado encontra-se a Bacia do Paraná/Prata e, de outro, a Bacia do Araguaia/Tocantins (CASTRO; BARROS; SILVA;

¹ O Parque dos Pireneus foi criado pela Lei Ordinária 10.321 em 20 de novembro de 1987 (GOIÁS, 1987), com 2.833,26 hectares e com o objetivo de preservar o ecossistema natural e toda sua beleza cênica. A APA dos Pireneus foi criada em 17 de fevereiro de 2000, com uma área de 22.800 hectares disponibilizada para pesquisas científicas e o desenvolvimento cultural de incentivo à preservação e educação, além do turismo local (SECIMA, 2017).

SANTOS, 2019, p. 68) tendo como ponto mais alto o Pico dos Pireneus. Nesse trecho também temos a Serra de Caxambu, com terreno íngreme, cascalhado e de difícil acesso em alguns trechos. A vegetação é mais fechada, estreita e há um grande declive.

No site oficial do Caminho de Cora Coralina (www.caminhodecoracoralina.com.br) não há registro de hospedagem no povoado de Caxambu, mas na zona rural existe a fazenda do Seu Quinzinho e Dona Cleusa, que oferta hospedagem desde a inauguração do Caminho em 2018. Eles foram contatados pelo pesquisador Bismarque Villa Real, que os indagou sobre oferecerem hospedagem e alimentação aos peregrinos, apesar de não saberem direito o que os lhes esperava, eles aceitaram, como nos fala dona Cleusa:

E aí ele [Bismarque] chegou e convidou a gente, se a gente queria participar. Eles estavam planejando esse Caminho de Cora, e se a gente queria participar para dar um apoio para os peregrinos, para as pessoas que passassem aqui. E aí a gente concordou com eles, falou “não, tudo bem, pode, pode...”.

Dona Cleusa e seu Quinzinho moram nesta fazenda há mais de 30 anos e nela criaram as filhas, que hoje já estão morando em outras localidades. A mãe do seu Quinzinho também mora com eles.

Com essa decisão de oferecerem hospedagem e alimentação aos caminhantes e ciclistas eles tiveram que fazer adaptações, construções, investimentos e aquisições. A casa possuía somente um banheiro interno, que atendia a família, mas após algumas hospedagens a necessidade de se construir mais banheiros foi iminente. Construíram na parte externa da casa, com a saída pela porta próxima ao quarto dos hóspedes. Atualmente, a fazenda possui estes dois banheiros na área do quintal (Figura 2).

No período da noite, Dona Cleusa oferece aos caminhantes o banheiro de dentro da casa, caso queiram usar, para não precisarem sair para o quintal usando lanternas do celular ou lanternas dos equipamentos de *trekking*. Nessa adequação da arquitetura da casa, que possui banheiros de dentro e de fora, o espaço íntimo da casa passa a ser um espaço que não é nem “inteiramente público ou inteiramente privado”, como ressalta Smoliarova (2011, p. 451). Por conseguinte, tampouco a hospitalidade pode ser absoluta lembrando a passagem do arquiteto romano Vitrúvio (160 [VI, 7,2] *apud* SMOLIAROVA, 2011, p. 451)

[...] nos aposentos particulares como são os quartos de dormir, as salas de jantar, os banheiros e outros lugares desta natureza, só entram as pessoas que são convidadas, ao passo que todo mundo tem o direito de entrar sem ser convidado nos lugares que são públicos tais como os vestíbulos, os cava

aedium, os peristilos e as outras partes que são destinadas a usos comuns. (Vitruvius, 160 [VI, 7, 2]).

A organização do espaço vem sofrendo modificações conforme as situações vão ocorrendo, prioridades vão sendo adaptadas, a hospitalidade vai acontecendo dentro da realidade do lugar e seus espaços.

Figura 2: Construção de banheiros na área externa



Fonte: Elaboração das autoras (2021)

Foi necessária a compra de beliches, colchões, roupas de cama, travesseiros e louça, pois a dinâmica da família teve grandes alterações com a decisão de oferecer hospedagem e alimentação. Precisaram transformar parte da casa em quartos. Uma antiga sala, que interliga os quartos, atualmente também possui duas camas para hospedar um número maior de pessoas (Figura 3). Dona Cleusa explica:

Na verdade aquele do meio é uma sala, mas só que a gente num usa como sala, e como tava vindo mais gente, aí eu falei “ah, vou colocar umas cama aqui que fica melhor.

Figura 3: Sala adaptada para comportar duas camas



Fonte: Elaboração das autoras (2021)

Dentre outras modificações, Dona Cleusa explica que foi necessário cobrir a área que leva a casa até a cozinha, pois era aberto e viram a necessidade de ter uma área para servir as refeições e de convivência para receber os hóspedes. É nesse local, que se dão as interações e convívio mais intenso, ao mesmo tempo, que é um lugar de passagem, é um lugar de parada, de conversa e entrosamento.

Dona Cleuza relata, que mesmo quem não se hospeda não sai da fazenda sem tomar um café, sem almoçar, mesmo quando não avisam previamente que irão até a fazenda Caxambu.

eu nunca deixo eles saírem sem tomar um café, se tiver almoço eles esperam e eu faço uma comidinha rapidão, mas eu faço, não deixo eles. Mas é bom avisar né, pra gente preparar melhor. (Entrevista 1)

A atitude de Dona Cleuza fomenta a atitude da hospitalidade no ambiente doméstico, na atitude de acolher para hospedar, da comensalidade, de ofertar um café, um almoço, “receber designa, evidentemente, o fato de acolher alguém em casa, mas também, o que é igualmente importante, o fato de dar, oferecer alguma coisa: hospitalidade, uma refeição etc. [...]. Receber alguém é dar-lhe algo” (GODBOUT, 1999, p. 198).

Nessa oferta de alimentação e acolhimento laços são formados, ainda que por alguns instantes, provisórios no momento da ação, mas memoráveis e significativos em sua importância de laços que se constroem. Conforme Camargo (2004, p. 52), a hospitalidade se apresenta “nesta categoria o calor humano dedicado a alguém, sob a forma de oferta de um teto ou ao menos de afeto, de segurança, ainda que por alguns momentos”. Há disposição, atitude e conduta por um bem receber, agradar e prover.

O caminhante “espera ser bem recebido no local que visita, e a hospitalidade estabelece a concepção desse encontro” (LANNA, 2000, p. 176). Dona Cleuza também relata uma passagem em que houve dificuldade de alojar os caminhantes, quando uma parte das paredes da casa caíram após uma grande chuva na região.

É, foi no ano retrasado, choveu muito forte aqui, e a parede da nossa casa caiu. E aí veio aquele frio, de São Paulo e dos outros lugares, e as paredes caíram. E chegou um casal aqui sem avisar, e eu falei “olha, tá desse jeito aqui, se vocês quiserem ficar aqui tudo bem, eu preparo o quarto ali, e se vocês quiserem dormir aqui”. E eles dormiram de boa, de boa, com as paredes tudo abertas. (Entrevista 1)

Nesse gesto de hospitalidade e providência, mesmo que as condições não sejam as mais favoráveis e possíveis de serem resolvidas imediatamente, a hospitalidade se instala nesse aceno de resolver o como acolher, no exercício de uma resolução do problema e da instalação de uma proteção e cuidado.

O espaço de dentro se abre para o outro estabelecendo vínculos, solidariedade, apoio e atenção às suas necessidades sendo essa atitude a oposição ao individualismo e ao egoísmo.

4.3 Povoado de Radiolândia

Radiolândia também pertence ao município de Pirenópolis. Quatro anos mais novo que Caxambu, surgiu em 1952, quando o Sr. Diolino Rodrigues da Luz fez um loteamento no local, resultado de uma doação de terra. Foi construída uma igreja para São Miguel Arcanjo, que posteriormente foi demolida e hoje só consta um cruzeiro (CAMINHO DE CORA CORALINA, 2018).

O povoado de Radiolândia está localizado 17,5 quilômetros de Caxambu cruzando a BR -153 (Belém-Brasília) até atingir a rodovia Bernardo Sayão. Possui no último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) atualmente 545 habitantes em um território de 19,42 hectares goiano.

No povoado, uma oferta de hospedagem é a Pousada Jardim das Flores de propriedade da Sra. Cirene Gomes Mendonça. Nascida em uma fazenda próxima à Pirenópolis, morou até os 15 anos no povoado, mudou para Anápolis, depois para a Irlanda e retornou para Radiolândia no ano de 2019. Sua mãe já morava no povoado e havia sido procurada por pessoas da Associação de Cora Coralina para oferecer hospedagem em alguns quartos que já haviam na

casa, mas a atividade não seguiu em frente, pois a família não sabia como era a atividade e nem quem iria ficar aqui hospedado, onde somente a mãe morava. Como o relato de Cira explica:

E aí como a minha mãe morava aqui sozinha, a gente ficou meio com medo também porque a gente não sabia como exatamente...o tipo de pessoas que ia ficar aqui... (Entrevista 2)

Em 2019 visualizou a possibilidade de entrar para essa atividade e comprou da mãe todo o terreno da antiga casa. Com o incentivo do Bismarque Villa Real, que percebeu que a seria um local apropriado para os caminhantes e ciclistas. Bismarque chegou a fazer diversas sugestões como Cira relatou:

“Cira, começa mesmo, e faz...”, [Bismarque] veio aqui conhecer o local, aí na época eu ia dar só uma reformada nos quartos, e aí ele me ajudando, dizendo “aqui você pode fazer assim, assim, assim”. Assim, o tempo todo sabe aquele braço direito, me ajudando mesmo, gente boa demais, me dando ideias, é...aí meu esposo: “não, vamos desmanchar tudo, vamos começar do zero”. Aí a gente desmanchou tudo. Meu marido é arquiteto, então ele pensou em um jeito de aproveitar bem o terreno, uma estratégia assim, boa para os quartos ficarem bons. (Entrevista 2)

Com essa decisão, Cira e o esposo fizeram um financiamento através da Goiás Fomento e construíram seis quartos, dois banheiros, recepção e uma área de convivência junto a cozinha, no fundo, com uma varanda e acesso ao quintal e à lavanderia.

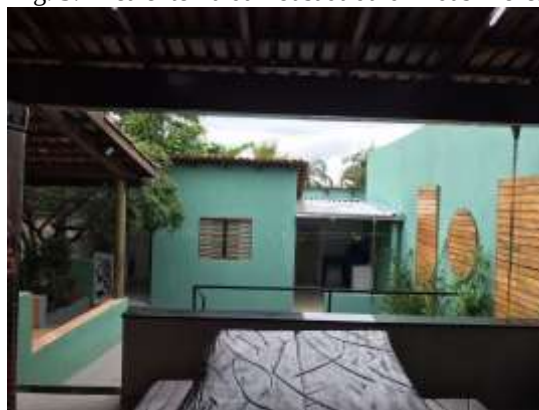
Na construção da Pousada a área da cozinha foi privilegiada como um local de convivência, de sociabilidade e de encontro. A percepção seu deu pela área ser a última da pousada, após percorrer todo o corredor dos quartos e banheiros. A área é aberta e clara, é separada do quintal somente por uma mureta baixa e alguns degraus, que levam para o quintal, para a área de serviços da lavanderia, as jabuticabeiras, os varais e a um cômodo onde a Cira mora, separado da pousada (Figuras 4 e 5).

Fig. 4: Área da Cozinha da Pousada das Flores



Foto da Proprietária da Pousada (2021)

Fig. 5: Área externa da Pousada Jardim das Flores



Fonte: Foto da Proprietária da Pousada (2021)

Fonte:

Nas ações de hospitalidade da pousada, a Cira tem uma prática de escalda pés para os caminhantes, onde prepara uma bacia com água morna, sal grosso, gengibre, camomila, alecrim, essência de lavanda e bolinhas de gude. Essa atenção com a dor, o cansaço do caminhante é percebido como um gesto de atenção e acolhimento. O rito de escaldar os pés, na hospitalidade pode ser compreendido como a atitude do hospedeiro, que esquece de si mesmo e cuida do outro querendo ajudar, a sensibilidade em tentar amenizar a dor e proporcionar uma acolhida calorosa.

Essa ação remete a compreensão da hospitalidade através da dádiva, como observa Boff (2005) ao retornar a lenda de Filêmon e Báucis, um casal de idoso da cidade de Frigia, que sem saber hospedaram o deus Zeus e seu filho Hermes, que estavam disfarçados de pobres e haviam sido rejeitados ao pedir ajuda e auxílio à diversas pessoas de outros lugares. Filêmon e Báucis deram tudo o que tinham e os receberam com toda a hospitalidade, entre eles lavando os pés dos convidados andarilhos. Os deuses emocionados com a hospitalidade recebida mostram sua verdadeira aparência e concedem ao casal um desejo cada. Filêmon e Báucis escolhem servir no templo de Zeus até o fim de seus dias e que ambos morressem juntos, pois assim não seria preciso um cuidar do outro na velhice. Assim foi feito e ambos, após a morte foram transformados em árvores, um carvalho e uma tília, lado a lado, como estavam em vida. Reza a lenda, que os habitantes mais velhos da atual Turquia, onde supostamente a lenda aconteceu, continuam ensinando aos mais novos que: quem hospeda um peregrino, hospeda a Deus. (BOFF, 2005; COSTA, 2014).

A mesa longa na cozinha e o banco de madeira proporcionam uma aproximação dos hóspedes, mesmo que involuntária, pois esse móvel somente permite sentar junto, não há separações por cadeiras ou mesas individuais. Este espaço arquitetônico da cozinha “leva uma

dupla vida semiótica”, conforme Smoliarova (2011, p. 451), pois no mesmo local onde é preparada a comida ela também é servida. Pode-se pensar, nas mesmas considerações de Smoliarova em uma “hospitalidade arquitetônica” (2011, p. 451), um local que aproxima os diferentes, tanto na relação de hóspede e anfitrião, tanto quanto na aproximação entre os próprios hóspedes, entretanto, o comer junto não iguala o anfitrião ao hóspede, como concordamos com Boudou (2017, p.109) “o fato de a hospitalidade condicionar a comensalidade não equivale a um reconhecimento da igualdade”, há uma alteridade em cada um dos autores e isso não permite a igualdade, mas, permite a provisoriedade da hospitalidade, da suspensão da hostilidade e do comer juntos alicerçados em uma arquitetura, que promova o encontro.

Esse espaço possui duas geladeiras grandes e um freezer vertical para cervejas e bebidas geladas, que o hóspede pode servir livremente, o que lhe permite também um certo trânsito por aquele espaço, por mais que o domínio seja predominantemente da hospedeira. Uma churrasqueira construída nesse espaço completa a oferta de equipamentos e utensílios na cozinha, que o hóspede pode usufruir.

4.4 Povoado de Palestina

O povoado de Palestina faz parte do município de Jaraguá. Conforme dados do IBGE (2010) possui 132 habitantes em uma área de 14 hectares. O meio de hospedagem nesse povoado se diferencia dos demais de toda rota turística.

No povoado de Palestina não havia hospedagem no início da inauguração do Caminho de Cora Coralina, a iniciativa da construção do “*hostel*” vovó Catarina vem da decisão de duas amigas, Karina e Luciana, que percebem a possibilidade de contribuir com o povoado em retribuição à momentos históricos de suas vidas pessoais. O *hostel* Vovó Catarina é uma antiga escola estadual que havia no povoado de Palestina e atendia as crianças do ensino básico ao fundamental. A escola estava desativada, depredada e sem nenhuma utilização há nove anos. Percebendo a possibilidade de contribuição, foram atrás de um deputado estadual, que intermediou a concessão por vinte anos, mas em contrapartida foi acordado a oferta de um trabalho social. Esse trabalho foi a oferta de capacitação na área digital e artesanato entre jovens e idosos, como uma troca compartilhada, como explica Luciana:

as meninas fizeram um projeto de Aprendiz de Cora, então eles reúnem aqui as crianças, os jovens, pessoas idosas...as pessoas idosas ensinam eles a

bordar, fazer crochê, esse tipo de coisa, e elas ensinam eles a mexer em celular, a área digital, ler alguma coisa ou escrever que tem alguns que não consegue, não tem muita facilidade, então tem sempre esses projeto deles. Precisaram parar por causa da pandemia, mas ele acontecia todo fim de semana em uma sala do hostel. (Entrevista 3)

A reforma da escola aconteceu com recursos próprios da Karina e as modificações foram estruturais, pois o espaço estava abandonado e depredado. Foram modificações nas salas de aulas para se tornarem quartos masculinos e quartos femininos (Figura 8), reforma nos dois banheiros com adaptação de chuveiros (Figura 6), na cozinha para ampliar a área de preparação dos alimentos, a preservação de um fogão a lenha para os hóspedes cozinharem e o local das refeições é no corredor (Figura 10. Figura 11 e Figura 12), próximo ao bebedouro escolar. Houve mudanças na área externa do *hostel*, mas foi preservada a fachada aberta (Figura 7), o muro da frente foi derrubado e a fachada promove um acolhimento como sugere Smoliarova (2011, p. 444), “semelhantes a braços que se estendem na direção de alguém” e recebe os visitantes lhes dizendo sejam bem-vindos.

Fig. 6: Área da Entrada da antiga escola estadual



Fonte: Foto da Proprietária da Pousada (2021)

Fig. 7: Área da Entrada do *Hostel* Vovó Catarina



Fonte: Foto da Proprietária do *Hostel* (2021)

Luciana tem compreensão e consciência da importância do início da atividade de hospedar no povoado e as transformações, que causam as presenças de pessoas, que passam, as que ficam e as que retornam. Ela relata:

O Caminho de Cora, do fundo do meu coração, ele é uma grande terapia para minha vida [...] minha fonte de alegria mesmo. Mudou realmente a minha vida. Não o aspecto financeiro, claro que isso foi uma ajuda, não vou ser hipócrita, mas principalmente na área assim, da comunicação. Eu falo: as pessoas que vem, eles trazem muito para mim, leva um pouquinho de mim também, mas o que eles trazem é muito gratificante. (Entrevista 3)

No *hostel* Vovó Catarina tem uma particularidade, que nos surpreendeu desde o primeiro momento, que as pesquisadoras tomaram contato com esse fato. Há um quarto, que a Luciana apresenta com alegria. Esse quarto, que ainda não está restaurado na íntegra como o restante do *hostel*, foi pensado para atender aos hóspedes, que não têm condição de pagar pela hospedagem (Figura 9). Sobre esse quarto, Luciana expressa que:

eu tenho meu cantinho ali, falo que é um dos cantinhos mais precioso, esse é o meu verdadeiro sentido [...], quando chega essas pessoas, que já chegaram várias, várias pessoas aqui que não tinha condições financeiras de pagar. Tenho a cama, colchão, coberta limpinha, tudo organizadinho. Tem água, dou o suco, dou uma comida, eu não importo, eu tenho o maior prazer em fazer isso”. (Entrevista 3)

Luciana discorre sobre querer que o próximo investimento estrutural seja nesse quarto, mas que isso não anula ou diminui a importância de poder atender ou hospedar aquele, que não possui as condições para pagar. Reforça, que esses elos da solidariedade e de estender as mãos a quem precisa lhe acompanham desde criança, como um aprendizado e legado deixado por sua mãe.

Foi o que minha mãe sempre disse pra gente, que a gente nunca deixaria o irmão da gente fora de uma casa, mesmo se você não conseguisse colocar, mas colocasse pelo menos um pão na mão dele. (Entrevista 3)

Essa atitude da hospedagem sem o retorno financeiro acentua a percepção das pesquisadoras sobre a circulação da dádiva, sobre a acolhida calorosa, de compaixão e na singularidade de poder exercitar o que a anfitriã acredita e lhe compõe em sua essência e plenitude.

Fig. 8: Quarto feminino



Fonte: Elaboração das autoras (2021)

Fig. 9: Quarto para quem não pode pagar



Fonte: Elaboração das autoras (2021)

A anfitriã estende a alimentação para esse caminhante, que acolheu nessa condição diferenciada e reafirma uma das manifestações simbólicas da solidariedade social e comunitária, que é a comensalidade (MARS, 1997). Sua mesa é farta e não diferencia seus hóspedes (Figuras 10 e 11).

Figura 10: Almoço



Fonte: Autoras (2021)

Figura 11: Café da manhã



Fonte: Autoras (2021)

Figura 12: Local das refeições



Fonte: Autoras (2021)

Retomando Boff (2005) a comensalidade está inserida no processo de hospitalidade, onde se preconiza o respeito, a convivência, o olhar humanizado e as celebrações de comunhões e interações sociais. A convivialidade ao redor da mesa favorece a tolerância e as trocas recíprocas entre anfitriã e hóspede estreitando laços e gerando afetos.

5. Considerações finais

O conceito de hospitalidade da análise deste estudo buscou não reduzir aos meios de hospedagem, pois nota-se que são pessoas que exercem a hospitalidade, são suas ações gestoras em proporcionar hospedagem e as práticas de hospitalidade entre hóspede e anfitrião, que permitem estabelecer conexões, conhecer novas pessoas, circunstâncias inesperadas e a ir alinhando as presentes tramas do Caminho de Cora.

Notou-se que cada anfitriã ofertou práticas diferenciadas de hospitalidade, reconfigurando o cotidiano dessas localidades e as relações com seus hóspedes. As anfitriãs comungam com práticas da recepção ao viajante, do acolhimento, da circularidade da dádiva, da solidariedade, preconizando o respeito, a tolerância, a convivência e o bem-estar do hóspede ciclista ou caminhante.

Cada anfitriã em seu povoado dedicou-se a atividade de hospedagem de uma forma diferenciada, seja em sua própria residência, seja no investimento e construção de seu empreendimento com suas histórias já vividas e as mudanças de seu cotidiano. As narrativas dessas mulheres trazem uma fala individual, particular, singular, uma experiência de cada uma delas, com traços culturais da região.

Com isso, consideramos que este estudo sobre hospitalidade no Caminho de Cora pode contribuir para futuras políticas públicas para o setor no sentido de valorizar e motivar o turismo na região de Goiás, bem como promover ações que garantam a qualidade de vida das pessoas

envolvidas na constituição do Caminho de Cora. O empreendedorismo das mulheres nestes povoados traduz a realidade socioeconômica e cultural desta região do estado de Goiás, onde a atuação das mulheres tem um forte impacto na vida da comunidade.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. **O Caminho de Cora Coralina** – Turismo literário ou Marketing do Turismo? Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais. Número especial da Rede ENTREMEIO, v.9, n.1, p. 237-249, 2020.

ANTUNES, Ana Claudia G. **A hospitalidade e a oferta de serviços no turismo religioso: o caso do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida**. 137f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Mestrado em Hospitalidade), Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2017.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Vol 1. Hospitalidade: direito e deveres de todos. Petrópolis: Vozes, 2005.

BAPTISTA, Isabel. Hospitalidade e eleição intersubjectiva: sobre o espírito que guarda os lugares. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano V, n. 2, p. 5-14, jul./dez. 2008.

BOUDOU, Benjamin. **Elementos para uma antropologia política da hospitalidade**. In: BRUSADIN, L. B. (Org.). Hospitalidade e Dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento. Curitiba: Editora Prisma, 2017.

CAMARGO, Luiz Octávio L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

CAMARGO, Luiz Octávio L. **Os interstícios da hospitalidade**. Revista Hospitalidade. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 42-69, 2015.

CAMINHO DE CORA CORALINA. 2018. Disponível em: www.caminhodecoracoralina.com.br. Acesso em: 4 nov. 2021.

CARDOSO, Murilo R. D.; MARCUZZO, Francisco F. N.; BARROS, Juliana R. **Classificação climática de Köppen-Geiger para o estado de Goiás e o Distrito Federal**. Acta Geográfica (UFRR), v. 8, p. 40-55, 2014. Disponível em: <http://revista.ufrr.br/index.php/actageo/article/view/1384>

CASTRO, Joana Darc B.; BARROS, Talita F. S; SILVA, Murilo R; SANTOS, Maurício G. **Unidades de Conservação, atributos ecológicos e suas implicações: o caso do Parque Estadual dos Pireneus e da APA dos Pireneus – GO**. Sustainability in Debate. Brasília, v. 10, n.3, p. 63-78, dec/2019.

CORALINA, Cora **Vintém de Cobre: Meias confissões de Aninha**. 1ª ed. Digital. São Paulo: Global, 2012.

COSTA, Ewerton Reubens Coelho. **Comensalidade**: a dádiva da hospitalidade através da gastronomia. Revista de Cultura e Turismo, CULTUR, ano 9, nº 2, jun, 2015.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GODBOUT, Jacques. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GOIÁS. Assessoria de Comunicação Goiás Turismo. Expedição de Mountain Bike abre o Caminho de Cora Coralina em abril. **Governo de Goiás**. 02 mar. 2018. Disponível em: <https://www.goias.gov.br/index.php/servico/112761-expedicao-de-mountain-bike-abre-o-caminho-de-cora-em-abril>. Acesso em: 21 nov. 2021.

GOIÁS. LEI Nº 10.321, DE 20 DE NOVEMBRO DE 1987. Cria o Parque Estadual dos Pireneus e dá outras providências. Disponível em: http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/leis_ordinarias/1987/lei_10321.htm. Acesso em: nov 2021.

GOTMAN, Anne. **A questão da hospitalidade hoje em dia** (La question de L'hospitalité Aujourd'hui). Communication, Paris, v. 65, p. 5-19, 1997.

GRINOVER, Lúcio. **A hospitalidade na perspectiva do espaço urbano**, Revista Hospitalidade, São Paulo, ano III, n. 2, p. 29-50, 2. sem. 2006.

IBGE. Censo de 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em 04 nov. 2021.

KOPS, Darci. **Hospitalidade**: saberes e fazeres culturais em diferentes espaços sociais. Caxias do Sul, RS: Educs, 2014.

LANNA, Marcos. **Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva**, Revista de Sociologia e Política, Curitiba, n. 14, p. 173-194, jun.2000.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alisson. Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri – São Paulo: Manole, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. RBCS Vol. 17, nº49, junho/2002.

MARS, Leonard. Food and disharmony: Commensality among Jews. In: Food and foodways: explorations in the history and culture of human nourishment. Amsterdam. Netherlands, vol. 7, 1997, 189-202.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

PLENTZ, Renata Soares. **Dialética da Hospitalidade**: Caminhos para a humanização. Caxias do Sul, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Caetano Entrevista Boaventura de Sousa Santos**. [S.I.] Mídia Ninja, 21 fev 2019. 1 vídeo (27 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K28wTrjLYI&t=92s>. Acesso em: 10 nov 2021.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE, RECURSOS HÍDRICOS, INFRAESTRUTURA, CIDADES E ASSUNTOS METROPOLITANOS – SECIMA. **UCs Estaduais**: áreas de proteção ambiental dos Pireneus. 2017. Disponível em: www.secima.go.gov.br Acesso em: nov. 2021.

SMOLIAROVA, Tatiana. “**Artefato de boas-vindas**”. In: MONTANDON, Alain (Org.). O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Senac, 2011.

TELLES, Vera da Silva. **Prospectando a cidade a partir de suas margens: notas inconclusas sobre uma experiência etnográfica**. Contemporânea. Dossiê Fronteiras Urbanas. v.3, n.2, p. 359-373. jul- dez. 2013.